

**QUARTA-FEIRA**  
Lisboa--30 de Abril--de 1930

**51 CÉNTAVOS**

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**206**



sempre  
**fixe** semanario  
humorístico

Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 42

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57



—Quando as meninas forem crescidas já teem dinheiro para comprar destes chapéus.  
—Ora... Ora. Se nós fossemos crescidas até o sr. os pagava.



# Os ditos da semana



**O caes de pesca** Lisboa vai finalmente um caes de pesca. Nunca mais aparecerá peixe podre, nem os pescadores terão occasião de se desculpar com a falta de caes.

Nada ali faltaria: nem logar para desembarque, nem sitio para a lota, nem frigorifico, nem nada. A unica coisa que pode faltar é peixe, porque ninguém acredita que as companhias panham Lisboa a abarrotar de peixe a baixo preço.

Agora, a trazer peixe e faltava caes, daqui a pouco haverá caes e faltará o peixe. A não ser que o caes que se vai construir seja tão amplo, tão comodo, tão bom, tão convidativo que o proprio peixe se deixe ir na onda e se apresente voluntariamente no frigorifico, como quem vai tomar um jantinho.

Então é que ha de ser um consolo ver o carapau de rabo alçado pelas escadas a cima, a perguntar aos empregados onde é a lota, onde é o vagão de exportação, onde é o frigorifico, porque, embora o leitor não acredite, ha peixinhos que sentem uma decidida vocação para peite trito. Ha os mesmo que deliram so com a ideia de que hão de vir a figurar num menu, traduzidos para francez e com um titulo sugestivo: *au meunier, au gratin, au saute tomade*, como se fossem uns *parvenus* do chá da Gartell que tomam chá so para verem o seu nome nos jornais.

Mas, o que é essencial, é haver peixe e vai haver lo. Pelo menos ja não falta tudo. Peixe desde ha muito que o ha no mar e agora até ja vai haver um caes em terra. O resto é com as companhias. E ja agora é a proposito, sempre queremos fazer uma prevençao ao cachucho cauteloso com as más companhias.

**A margarina** Os negociantes de manteiga pretendem que sejam aumentados os direitos allandegarios da margarina, para que eles vendam a sua margarina... perdão, a sua manteiga, por preço mais elevado. Quere isto dizer que, sendo barata a margarina, a manteiga baixa de preço. E estivemos nós tanto tempo sem atinar com a maneira de baratear a manteiga.

E agora que já estamos senhores do segredo, nós os consumidores, também va-

mos apresentar uma reclamação ao governo, para que sejam reduzidos os direitos da margarina porque ainda achamos cara a manteiga. E então é que a manteiga ha de ser manteiga em tocinho de cão.

**Uma maquina** Da casa Araujo Lopes, Lda. recebemos com todo o prazer uma maquina «Elite», a melhor para preparar um aromatico café — daquelas maquinas que o José Alexandre ali do Chiado tem expostas na montra.

Da maquina gostamos. Vamos agora ver o café.

**Os caes** A Camara Municipal resolveu prohi-

bir a existencia de caes de guarda dentro da cidade.

A medida é boa, partindo do principio de que a Camara vai começar por prohibir, com meios eficazes, a existencia de gatunos. De contrario, a resolução municipal quere dizer apenas isto:

Senhores gatunos, fazem favor de entrar e levar o que lhes apetece porque não ha perigo nenhum.

Sim, porque Lisboa é muito grande e ainda tem dentro umas centenas de quintas, mais ou menos teoricamente muradas, onde cada um tem o que é seu, e nem toda a gente está resolvida a fazer socialismo com os gatunos.

Ou será porque as licenças dos caes de guarda eram, até agora, as más baratas de todas?

**Anuncios** Dem jornal da manhã: que é, como sempre, o nosso fornecedor:

### Benfica

ESTRANHIO silencio. T. fabrica.

Não tem nada que estranhar. É que a fabrica está parada.

### Cabelo

CONTRA-SE. paga-se bem. no cabelreiro Avenida. Rua das Pres. 49.

Não anuncie mais. Dirija-se directamente ao nosso camarada Rogerio Perez.

### Cavalheiro

Com posqueros n. 104 de 1.º quarto e pensao casa de senhora, até 3098, onde possa fabricar artigos religiosos. Carta do Rossio, 2.º a. n. 654.

Aquilo dos artigos religiosos deve ser uma especie de isco para apanhar na rede alguma velha beata, que fique toda babadinha so com a ideia de que o menino Jesus vai ser feito portas a dentro da sua casa. E, sendo assim, até os 300500 escudos se dispensam. A questão é fazer o menino.

### Boletim meteorologica

Na semana passada, chegou a Lisboa, vindo da America um Ciclone que se fazia acompanhar de sua esposa a sr.ª D. Chuva.

Depois de ter percortido toda a cidade e de ter besbihotado por todos os cantinhos, retirou-se novamente sem ter feito nenhuma conferencia e sem que lhe fosse oferecido banquete algum. Foi talvez por se achar desconsiderado, por esse facto, que levou todo o tempo a assobiar-nos, mas nós faziamos de conta que não davamos por isso. Quem quere comer, paga.

Houve até pessoas que se assustaram com tão inesperada visita e fecharam as portas a sete chaves e fizeram bem, porque aquilo não era um ciclone de trazer por casa.

No Rocio e nas esquinas das ruas é que se compreendia bem que o ciclone vinha de Pernambuco.

### Perguntas sem resposta

Porque é que se chama «loiros» aos papagaios, mesmo quando eles são verdes ou cinzentos?

Quantas vezes a mãe canta com vontade de chorar?



— Eu bem sei que doença é a tua! Vai intrujar outro que não seja da minha idade.



# Os trabalhos



— Mas, não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

# Coisas de papazes

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

# As lágrimas de Cristo

Todos aqueles que cursaram as aulas da Lusa Atenas se recordam do velho costume de, em vespers de «acto», se solicitar aos lentes a sua benevolencia ou protecção. Era até costume, que não sabemos se ainda subsiste, o aluno ir deixar ao lente o seu cartão com o classico pedido: «É... etc... pede a V. Ex.ª protecção».

Ora, ha bons vinte anos, devia prestar provas do ultimo ano do curso dos liceus um rapazinho, educado dum collegio particular, que veio depois a ser um dos nossos mais distintos officiaes da Armada e que inaugurara, n'esse tempo, entre os lentes e professores, fama de «lente» e «excepcionalmente lene».

Seu nome, ao dispor-se a ler a lista de nomes, recordadas, partes de novo em novo, modificadas, regravadas, e não sabemos se mais, por quem, mais habilmente consultada, n'esse momento, o director do collegio particular de lentes e professores, que se apresentava ao lene, «meu filho, o senhor director, por favor, não se esqueça de pedir a V. Ex.ª protecção».

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

sangue-frio. Terminadas elas e quando o aluno se preparava para retomar o seu lugar, na primeira fila de carteiras, aguardando que terminasse o «suplicio» dos seus companheiros de exame, que iam, por sua vez, ser apertados, o presidente do jury, que durante todo o exame se conservara em silencio, mordendo e remordendo o bigode, como era seu costume, volta-se para o aluno e, na sua voz nasalada e de acentuado «sotaque» leirão, diz-lhe:

— Um momento. O seu director veio dizer-me que o senhor é um rapaz muito esperto e capaz de dar tudo. Ora eu não creio nada de tudo isto e quero fazer-lhe uma pergunta. O senhor fez um bom exame, a seu olhar, sendo que não sabe nada. Não se atrapalhe, pois. Ora diga-me, ha algumas palavras d'essa «Cristo»?

O auditorio estava stupefacto ante a enigmatica pergunta. So o aluno se levantou e respondeu, respondendo sem se descombarar: — Não, senhor director. «Cristo» não é uma palavra. Ora explique-me a razão, se não quer que lhe queira a humilhação.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

# Dificuldades



— Pego-te que te decidas. Tenho a certeza de que não te ha-de custar nada.

— Mas... saberás o que te vai custar?

# Graça dos outros

Um padre tinha o costume de dizer coisas desagradáveis a toda a gente.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

— Não se lembra de nada? Não lembra nada, senhor. Não se lembra nada.

— Não, não se lembra. Agora não se lembra nada.

# Uma prevenção



— Sabe-me dizer onde é a rua do Vigário?  
— Oh! filho, são todas!

A'manhã KINO

### No Museu



— Oh! seu guarda! Faz favor de me dizer se é por esta porta que se vai para a sala de tal pintor estrangeiro

(Do «Gutierrez».)

# Polemica humoristica

Eu não sei, porque muitos afazeres do meu cargo de *Grand riposteur du tac-au-tac* (como já meu Avó-tórto, o de Bergerac, se intitulava) me impedem de entrar em tais minudencias, em que estado ficou a projectada *Sociedade dos Humoristas Portuguezes*. Tive eu sempre tenção de apresentar a minha candidatura a membro honorario, embora seja velho e sabio rifão aquele que diz que «honra sem proveito faz mal ao peito».

São opiniões!... Como quer que seja, não tendo obtido (ha muito e desde que ando nesta viagem tragico-ridente á Lua-da-Cura-de-Meus-Males) novas, nem mandatos da já supradita honrosa confraria, lembro-me de apresentar, por este meio, o meu documentado requerimento, fundamentando no que é neste publico instrumento presente.

Que me não suceda o que succedeu aquele outro candidato a socio efectivo do «Club dos Percees», de Coimbra, o qual, tendo illustrado o seu postulado com provas cabares, recebeu, como resposta da sapiente Direcção, a sentença de que, usando ainda de papel para tal, provava acedo domado; e estava, consequentemente, excluído do gremio puritano.

«Em parentesis, direi, a priori, que julgo os mais espirituosos e altos gracejadores aqueles que, nesta formosissima terra, teimam em falar-a-serio, com «uma lata colossal».

E é agora. Ha tempos, uma gazeta humoristica publicava com justera este reparo: «Em tantos de tal, o periodico X (aqui o nome explicito) publicou uma historia dum papagaio. Em tantos de tal (alguns dias depois), *Cirano de Velhofrac* publicava uma historia dum papagaio... Embora a folha não o notasse, depreendia-se da local que as duas historias eram iguais, ou identicas.

Na serra altissima, em que es-

tou na Lua e donde se domina, com risinho desdem, o referver de suas multiplas crateras jacentes, recebi o n.º 75, de 11 de Abril do corrente ano, do grande «hebdomadario parisiense, politico e literario» *Gringoire*. E o que é que eu encontro na primeira pagina do mesmo consideravel organo do espirito francez? Sob a epigrafe de «Um antropografo na Camara», nem mais, nem menos, do que a historia que no *Sempre Fixe* contei.

Pedirei arrhas ao colega francez? — disse-me, excelente camarada do humorismo luso.

Não o poderia fazer, porque essa historia n'a contou, em escripta, o meu querido amigo dos bons tempos do antanho Coimbra, Guilherme Rubim, sobrinho daquelle mestre-humorista Ribeiro, o pseudonimo *Rui-Barbo*, fundador do glorioso *Pimpão*, esse mesmo semanario de quem falavam os annuncios: — *Oh, Jacinto, toca o hino; que sei, hoje, um Pimpão (povo)!*

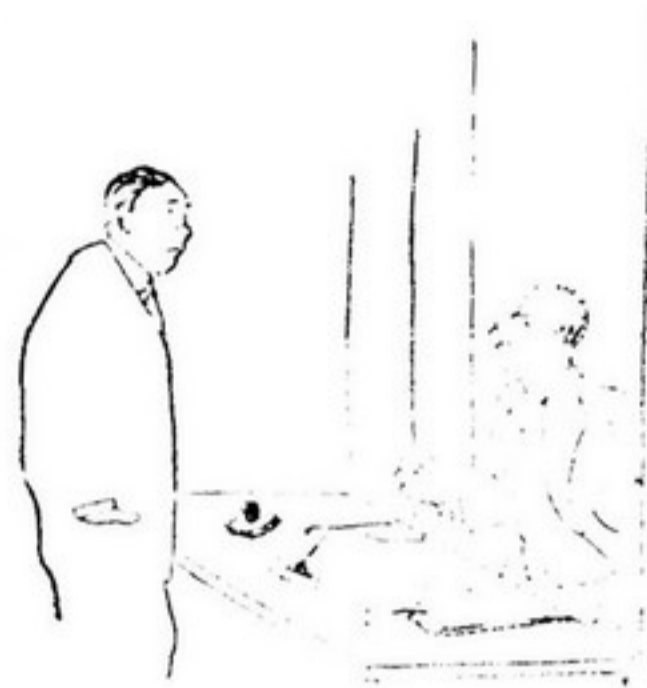
Os casos que nos, es que, quando de graça, engraçadas e deas contamos, não são, pelo geral, originaes. Onde podera estar a maestria do narrador e na maneira de contar anedota velha com frescura tal que nova pareça. E' uma questao de indumentaria! Mas tambem tem seu valor. Sendo, veja-se os proeminencias a que tem ascendido o *Castelo Branco*, o dos trazes teatraes, que, ainda hoje, veste a velha *Alice* com honras de costumeiro exemplar...

\*\*\*

No *entrujar*, amigo e bom camarada esta a habilidade do artista; e, se quizer saber a origem da mer parte das geniais historias — riso do grande Mark-Twain, procure um engajador; merque uma passagem para a America; faça-se *cow-boy* e contrabandista; e, daqui a 30 anos, falaremos sobre o assunto.

CIRANO DE VELHOFRAC.

### Matematica



— Entao o senhor tem a vida occupada de 42 horas e so se apresenta passados 3 dias...

— Se eu trabalho 6 horas por dia e tem facil de fazer a contar 6 vezes 3 são 18.

### A ultima palavra

Esta historia salante veio directamente da America do Norte, do Ohio, de resto, como diria Antonio Ferno, vem tudo quanto é *facto de natureza europica*.

Entre dois annos, pouco mais de S. Francisco da California, havia, de ha muito, uma velha questao acerca da originalidade das anedotas que um ao outro se contavam nas longas horas que juntos passavam tanto cabes e tanto da grande cidade, onde lhes era recebido, em bulas de chuva e em chuvas, vinho branco de Buech...

— Oh, que facecia! como isso aproveitaria, para celebrarem, de todos nos, mestre de escholas, Felix Bernudes.

— Essa ja não é novidade,avelha, mava inadvertidamente. Perdigaõ «Pedro Pedroso Perdigaõ» que era o mais irritante dos dois lous e constantes compaunheiros, Rogerio Ruivo Prisco, de Alemquer, encorajava sempre com o rano do commentario do seu habitual interlocutor. Mas não havia meio de abalar a tenencia do amigo, o qual, para maior desbarato, provava sempre, por a e b que ja contava *el cuento*.

Numa noite, estavam, como de costume, os dois narrando-se historias e piadas, quando Perdigaõ, ao finalizar Prisco *uma das suas*, exclamou, como sempre:

— Homem, essa conta redondamente. Ja a contada ha um ter de anos.

Rogerio Ruivo Prisco ficou furioso. E, em gesto sacudido, tirou do bolso uma carta, que abria nervosamente.

Vai esta agora, que se foi hoje mesmo por carta do ultimo correio da nossa terra, avisou ele, com estorço. A lua tia Malvina esteve muito mal...

— Ja tambem o sabia! — retorquiu o outro, um tanto encavacado.

— Mas é que foi de parto... acrescentou maliciosamente o alviareiro. — E teve um filho do abade...

— Ora, que novidade! Tambem sei disso! — comentou Perdigaõ, com ar quasi prazenteiro ja.

Mas o Prisco terminou com fezeza:

— Pois, nem por ser velho, deixa de ser engraçado que tenhas um primo que é teu irmão ao mesmo tempo.

Perdigaõ teve um engulho; tossicou rouscamente e concluiu:

— Pois, Prisco, tambem já tarde vieste. Desde creança que eu trato o abade por padrinho...

DR. VALERIANA.

## Elevador da Gloria

A's vezes, as gazetas serias dão pano para manhas nesta questao de humorismo. E senão leiam vocês esta noticia que appareceu num jornal da Provincia e que, apesar de relatar um caso de morte, não deixa de ter immensa pilheria:

### QUEDA MORTAL

«AMOREIRA (Pampilhosa), 5.—Julgo que no passado dia 3, deuse aqui um desastre que chocou profundamente toda a freguesia, pela natureza deste e suas consequencias. Pelo que me consta, foi o seguinte:

F... de Amoreira Fendema, foi para o Trinhão e em um carro de bois, para ir buscar, no momento, uma arvoreta do sr. F...

Antes dahi chegar ou depois, por a acidentaria não estar toda ou por ser cedo, resolveram levar uma carreta de tanto da serra para o sr. F..., irmão do sr. F..., proprietario dos bois, e a pedido daquelle.

— Hora minguada, o B... como diz o povo, pois no apertarem a estrada, o pobre F... com tanta infelicidade puxou a corda que esta rebentou, vindo do alto estatelar-se no meio do chão, e tão desgraciadamente que pouco tempo já vivem, falecendo no Trinhão.

Chamado a toda a pressa o illustre e distinto medico da Pampilhosa, nada fez nem podia, pois partiu pela columna vertebral.

O seu enterro foi no passado dia 5 e bastante concorrido pelas condições em que se deu o desastre, que penalizou toda a gente.

Pobre F... descança em paz. Deixei Gilvinhos de tempo idade. A' desolada viuva as nessas condicoes...

Ora, como vocês estão a ver, o noticiarista julga que se deu um desastre e que «chamado a toda a pressa o illustre medico da Pampilhosa, nada fez nem podia fazer, pois partiu pela columna vertebral».

E' caso para perguntar: Quem? O medico ou o outro? Ai seu... vertebrado!

Uma coisa em que eu não acredito é na tal vacina. Ainda ha pouco tempo um sujeito do meu conhecimento mandou vacinar um filho e daí a dias levou-o a bréca. — Ora essa! Como? — Caiu da janela e... foise.

## Razão de peso



— Porque usará ela côres tão berrantes? — Não sabes que o marido é surdo?!

A'manhã KINO





O que se diz e o que se não deve dizer

# O "onze" da virilidade

A segunda mão dos oitavos de final do campeonato português de foot-ball deu os resultados previstos por todos os Rabestanas, excepto no match B. Linenses-Football Club do Porto. Este segundo jogo não deixou de ser com resultados mais uma vez empatados, parece-nos empático a mais. Naturalmente não desampatar a Coimbra, ao som do fado do Clougal.

\*\*\*

Sobre o desporto desportivo. A. H. escreveu um artigo.

...mas para ser um grande desportista não se deve ser primeiro um grande homem. O desportista deve ser antes de tudo um homem e uma vez que de que a equipe sempre se encontra em grande estado.

Creemos que esta página de virilidade deve ter sido muito pouco apreciada em Setúbal.

Mas admitindo que as coisas se passaram como o jornalista conta, e que os onze rapazes do Sporting denunciaram de facto uma virilidade grande — parece-nos que a equipe setúbalense, colocando-se logo muito afastada, tomou uma atitude muito prudente e respeitadora dos seus costumes.

Quarremos mesmo aconselhar a Direcção do Sporting a que administre aos seus homens, antes dos jogos, uma dose conveniente de brometo de potássio. Isto para evitar, de futuro, um desafio ainda venha a aceder no Tribunal dos Pequenos Delitos — com as pedras de cabelo e outras gravuras semelhantes.

\*\*\*

As provas motoristas efectuadas no domingo de Pascoa, no Campo Grande, foram um admiravel pretexto para que a Imprensa se interessasse largamente pelo Automovel Club de Portugal e pela sua obra. Fizeram-se paginas e paginas. Escreveu-se muita coisa acertada e interessante — e tambem alguma asneira, para temperar...

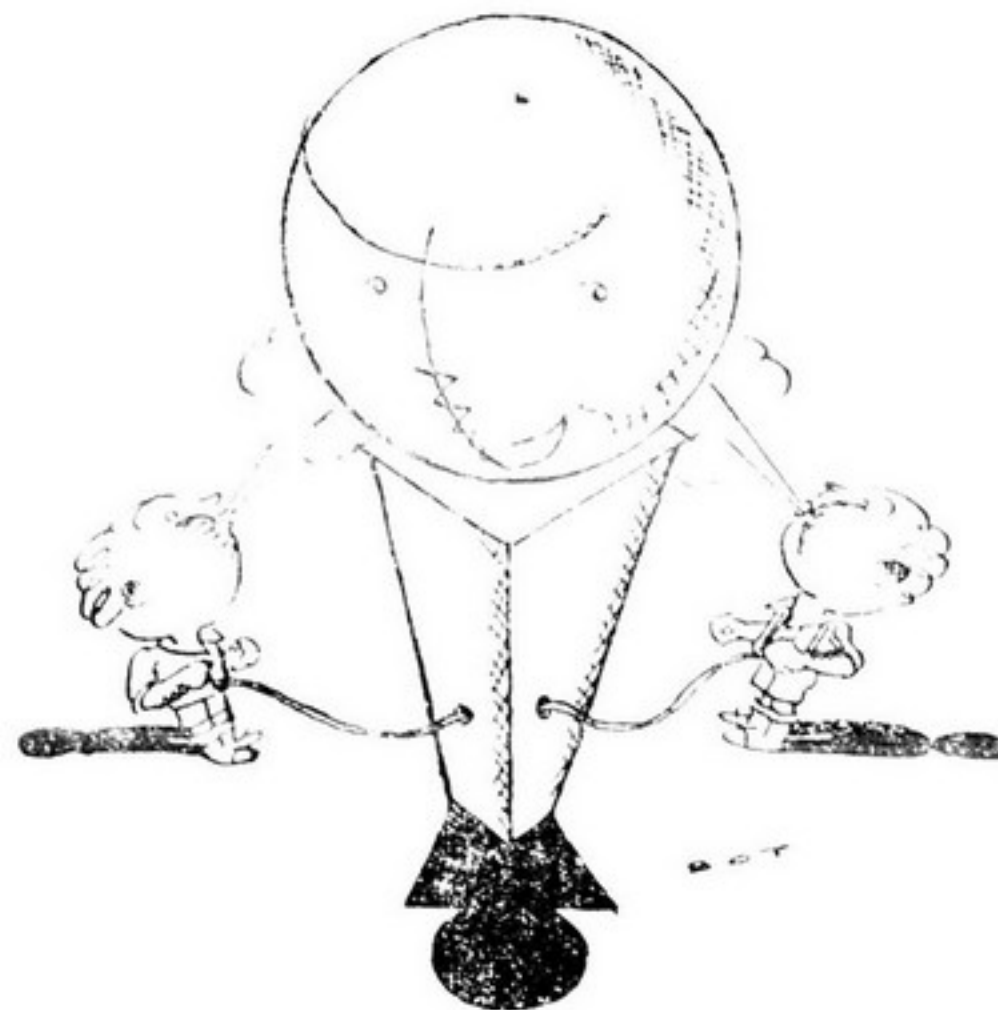
Um semanario illustrado tambem aproveitou o pretexto. Anunciou estrondosamente que o numero a sair em domingo de Pascoa seria dedicado aos automobilistas. Era, com effeito. Trazia tres paginas de anuncios com interessantes gravuras dos carros

anunciados. E mais uma pagina, que não era de anuncio, com fotografias da sede do Automovel Club. Por sinal que o fotografo,

VENDE-SE AUTOMOVEL QUERIZELER

Madame Beauvalet, quando isto viu, deu quatro murros sobre a

## EX-AEQUO



Por este andar vamos ter campeões genios

para não ter que se deslocar muito, fez duas provas diferentes do mesmo salao. E como os leitores são equinhes de todo, a legenda dizia: — Duas salas do A. C. P.

E lembrarmo-nos nos de que o Automovel Club tem pelo menos, quatorze salas e saloes!!!

\*\*\*

Emfim. Tivemos um periodo de imprensa automobilofila.

Até nas paginas de anuncios houve inesperadas manifestações automobilisticas. Veja-se o titulo deste anuncio publicado nas vespas da corrida:

mesa e pronunciou varias palavras honrosas e impublieaveis.

O sr. Beauvalet limitou-se a desmaiar suavemente sobre um divan.

\*\*\*

Joaquim Fernandes, o impressionavel e desportivo concorrente de todas as provas automobilistas, não appareceu desta vez — por falta de materia prima.

Foi ver a Alfandega o Bugatti de Lehrfeld.

Como lhe perguntassem pelas impressões, respondeu:

— «Deixem-me cá! Eu quando

vi aquelle bicho até tive vontade de chorar»

\*\*\*

Mario Beirão dirigia nas corridas do Campo Grande os reveses da passadeira. A certa altura, como se lhe d'parasse um intruso, arrempeçou-o.

— «O senhor não pode estar aqui»

— «Ora essa! Pois se eu tenho um cartão legal ao meu!»

— «Ah, sim! Pois então fique o senhor aqui a dirigir a corrida, porque eu vou-me embora»

BOLA-A-BOLA

\*\*\*\*\*

Ha 3 que cantam, 3 que choram e 3 que suspiram

OS QUE CANTAM

Benfiquistas:

Andaram-me a perseguir,  
Mas agora que vingança!  
Sou eu que me firo a rir,  
E o Case Pia é que dança.

União:

Um Salgueiro derrotel  
E até mesmo um salgueiral,  
Não está em que eu combata  
Três quartos de final.

Barreirense:

Eu estou com te na vitória,  
E, oh! rapazes que me lêem!  
Se eu bati um Boavista,  
Quanto mais os que não vêem...

OS QUE CHORAM

Os Trés:

Nos semos o grupo  
Dos velhos com azar,  
Por isso não fazemos  
Nada mais do que chorar.

Casa Pia:

Fui me embora tristemente  
Porque o arbitro assim quiz,  
Não foi qual, não foi qual!  
Ai como eu sou infeliz!

OS QUE SUSPIRAM

Em coro:

Dia primeiro de Maio,  
Que é dedicado ao descanso,  
Que o trabalho comemora.  
Dá-me um «golinho» de avanço  
Porque senão eu desmaio  
E a esperança val-se-me embora.

Nós queremos todos ganhar  
Com honra, com brio e gana,  
Mas só quatro, por azar,  
De galo podem cantar  
No dia do Zé Fontana.

ZÉ MARIA.

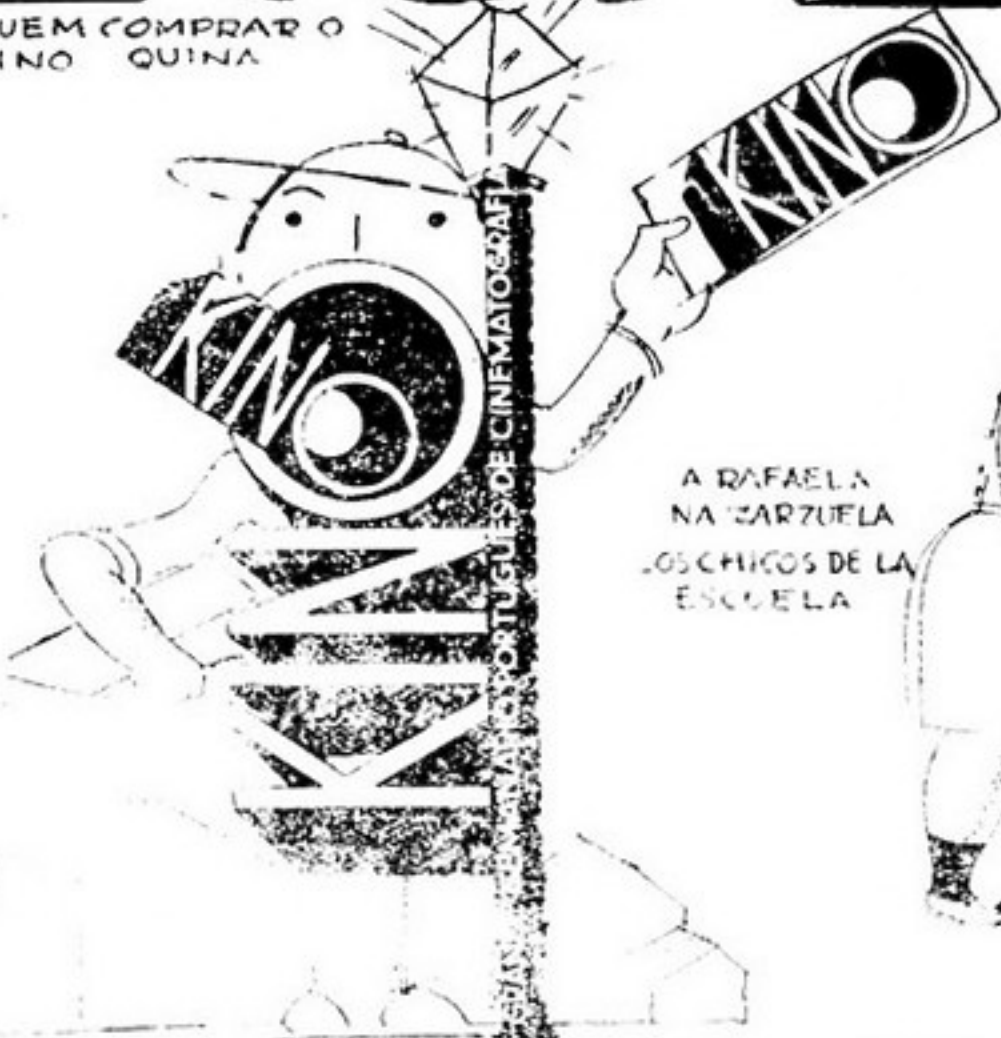
Amanhã, Quinta-feira 1 de Maio

# KINO

GRANDE SEMANARIO PORTUGUEZ DE CINEMATOGRAFIA

# ECOS DA SEMANA

QUEM COMPRAR O KINO QUINA



A RAFAELA NA CARZUELA DOS CHICOS DE LA ESCUELA



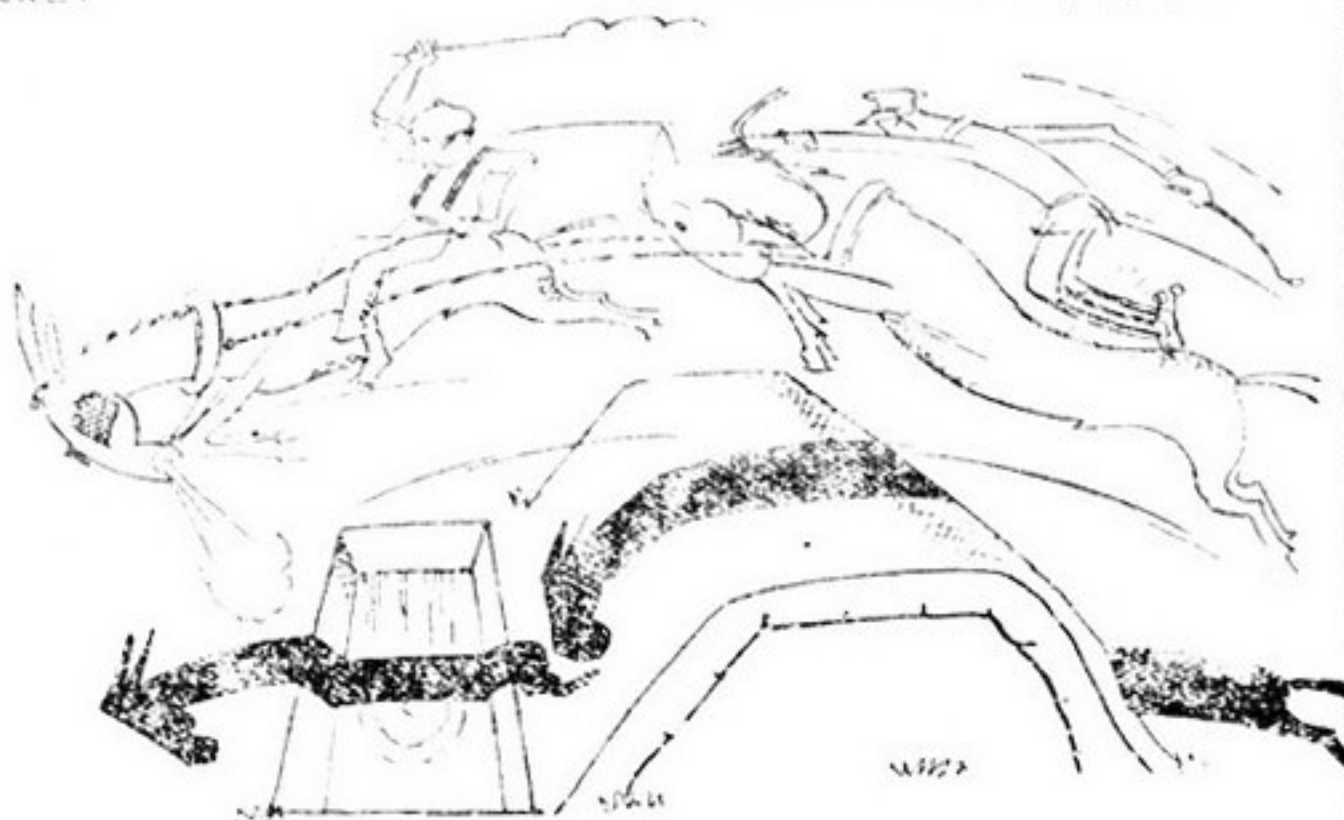
SO ALVES DOS REIS CONSEGUIRIA QUE A JUSTICA EM PORTUGAL SE VISSE EMFIM NUMA SALA TODA LIRU.



VAN VICTEN E MARIA DE LOYDS FAZEM ACROBACIA NUM "JUNKERS VEST POCKET"



DEPOIS DE NICE OS ESFALFAMADOS CAVALOS PORTUGUESES TERAO DE FUTURO DE SALTAR DE SOTA... E AS COM SORTI



UM TUFÃO DE PELE VERMELHA ARR: PIU A PELE PORTUGUESA A 99.999 NM A HORA

DEPOIS DO TERRENO TER SIDO CONVENIENTEMENTE ADUBADO COM NITRATO DO CHILI FOI LANÇADA A SEMENTE PARA O MONUMENTO A FERRO DE MAGALHÃES. ESPERA-SE UM RAPIDO CRESCIMENTO-

